



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JAYANNE GABRIELLE ALVES DE AZEVEDO

**MULHERES EX-CÊNTRICAS NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: ‘DIANA’, ‘DAMA DA NOITE’ E ‘JÚLIA CAPOVILLA’**

CAMPINA GRANDE, PB

2019

JAYANNE GABRIELLE ALVES DE AZEVEDO

**MULHERES EX-CÊNTRICAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA:
“DIANA”, “DAMA DA NOITE” E “JÚLIA CAPOVILLA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da
Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

CAMPINA GRANDE, PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A994m Azevedo, Jayanne Gabrielle Alves de.
Mulheres ex-cêntricas na literatura brasileira contemporânea [manuscrito] : "Diana", "Dama da noite" e "Júlia Capovilla" / Jayanne Gabrielle Alves de Azevedo. - 2019.
36 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Literatura de multidão. 3. Ex-centricidade. 4. Mulher ex-cêntrica. I. Título
21. ed. CDD B869.8

JAYANNE GABRIELLE ALVES DE AZEVEDO

**MULHERES EX-CÊNTRICAS NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: "DIANA", "DAMA DA NOITE" E "JÚLIA CAPOVILLA"**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
– Língua Portuguesa – da Universidade
Estadual da Paraíba, como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Letras.

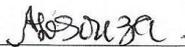
Aprovada em: 17/06/2019

BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof.ª Dr.ª Rosângela Maria Soares de Queiroz (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: _____

À minha mãe, Genubia Alves, fonte da
minha força, coragem, inspiração e
perseverança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao universo, por ter alinhado todas as estrelas, órbitas e planetas em um plano que permite a evolução sequencial de acontecimentos libertários às zonas que nada produzem. Esse alinhamento regido pelo tempo e pelo espaço que a todo instante desenvolve, constantemente, a resistência. Seja ela social, cultural, política, econômica, corporal, sentimental, emocional e, principalmente, nesse caso, psicológica. O que possibilitou o rompimento da bolha que me envolvia e me mantinha inerte, fazendo-me desacreditar na força que habita em mim.

Não desconsiderando o poder de todas as energias dos seres presentes na minha vida, que me empurram e me levam adiante, a todo momento, compreendendo todas as lutas diárias. Minha mãe e toda a minha família, respeitando o meu tempo, me encorajando e me ensinando a ser paciente, para também respeitar os meus movimentos, sejam eles ainda fracos e sem formas, ou, cada vez, mais potentes e moldados. Meus amigos e colegas, da escola, da universidade, do trabalho e da vida, que, independente dos encontros, estão sempre compartilhando boas vibrações e pensamentos.

Minha eterna gratidão aos meus anjos de luz, Carolinne Taveira, Roberta Tiburcio e Yan dos Anjos, por nunca desistirem de mim e da nossa amizade. À Stefânia Januário, por todo amor e companheirismo. Aos meus colegas de classe, Benilde Cassandra, Fernanda Félix, Heloisa Medeiros, Isidoro Amaral, Leonardo Lacerda, Monalisa Barboza, Paula Karina e Rogério Marcelino, que sempre me apoiaram e me ajudaram, durante a trajetória acadêmica. Aos meus amigos da aec, Amanda, Giullyane, Joelma, Marcinha, Rafaela e Skar, que estão todos os dias ao meu lado, emitindo força e resistência.

Agradeço também ao professor Luciano Justino, por acreditar na minha potência, e pelas orientações, ao longo do desenvolvimento desse trabalho. Assim como, por todo o conhecimento e aprendizado transmitidos em suas disciplinas de literatura, durante o curso de letras, e através do projeto de pesquisa sobre literatura de multidão, o qual participei como voluntária, mas sempre tive toda a atenção necessária. Não deixando de agradecer, claro, às professoras Rosângela Queiroz e Ana Lúcia, por toda inspiração sobre literatura brasileira contemporânea e, principalmente, por terem se disponibilizado, gentilmente, para avaliação do meu TCC.

“As damas da noite recolhem seu perfume com a luz do dia. Na sombra, sozinhas, envenenam a si próprias com loucas fantasias [...] Eu vou embora sozinha. Eu tenho um sonho um destino, e se bater o carro e arrebentar a cara toda saindo daqui continua tudo certo. Fora da roda, montada na minha loucura. Parada pateta porra-louca solitária venenosa. Pós-tudo, sabe como é? Darkérrima, modernésima, puro simulacro”.

Dama da Noite – Caio Fernando Abreu

RESUMO

A Literatura Brasileira Contemporânea, ao romper com as estruturas de poder, viabiliza a manifestação e a legitimidade social, através de narrativas representativas das multiplicidades, articuladas às experiências e às pluralidades cotidianas. Uma estratégia de leitura, análise e interpretação para tratar da narrativa atual é a “Literatura de Multidão” (JUSTINO, 2014), potência que dá voz às minorias, a partir da evidência das diversidades que constituem a multidão. Diante dos traços característicos dessa literatura, alguns movimentos proporcionam visibilidade ao outro, a exemplo da 1- “oralização” (JUSTINO, 2014), que se apresenta na “pós-autonomia” (LUDMER, 2007) da literatura de multidão, objetivando apresentar, através da escrita, os discursos da maioria minoritária; e principalmente, da 2- “excentricidade” (HUTCHEON, 1991), aspecto que tematiza a diversidade. Tal retórica pluralizante, além de valorizar a diferença, desafia a noção de centro, com seus conceitos de ex-cêntrico e off-centro. Entre algumas obras contemporâneas envolvidas com a multidão e a excentricidade, podemos destacar “Hell’s angels” e “Dama da noite”, contos de Márcia Denser e Caio Fernando Abreu, respectivamente, e o romance *Suíte Dama da Noite*, de Manoela Sawitzki, narrativas que serão discutidas nesse estudo. As protagonistas “Diana”, “Dama da Noite” e “Júlia Capovilla” conduzirão a reflexão sobre a diferença como excentricidade coletiva, por carregarem sentimentos de não pertencimento, e proferirem discursos pluralizantes, dotados de singularidades e subjetividades, que irão se definir umas em relação às outras, permitindo a alteridade e visando à liberdade. As ideias aqui apresentadas são baseadas na pesquisa e estudo bibliográfico de Dalcastagnè (2012), Dias (2005), Resende (2008) e Ludmer (2007), que apresentam visões críticas acerca da literatura brasileira contemporânea, suas perspectivas e abordagens, focando no conceito e intenções da literatura de multidão, apresentadas por Justino, (2012 e 2014) e Negri (2010 e 2015), estabelecendo a relação entre literatura, potenciais revolucionários e *status* da diferença, através dos termos e ideais cunhados por Cocco (2007), Hutcheon (1991) e Salcedo (2012) sobre o ex-cêntrico e suas subjetividades, objetivando a apresentação das ex-centricidades das personagens citadas, observando os ideais reativos da multidão. O percurso inicia-se com a abordagem da literatura contemporânea e sua multiplicidade, seguindo com sua leitura, a partir da literatura de multidão, traçando os movimentos deste espaço, o que permitirá a análise das mulheres ex-cêntricas em questão.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea e de Multidão, Ex-centricidade, Mulheres ex-cêntricas.

EX-CENTRIC WOMEN IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE: DIANA, LADY OF THE NIGHT AND JULIA CAPOVILLA

ABSTRACT

The Brazilian Contemporary Literature, breaking with the structures of power, makes possible the manifestation and social legitimacy, through narratives representative of multiplicities, articulated to the experiences and the daily pluralities. A strategy of reading, analysis and interpretation to deal with the current narrative is the "Literature of the Crowd" (JUSTINO, 2014), potency that gives voice to the minorities, from the evidence of the diversities that make up the crowd. In front of the characteristic features of this literature, some movements provide visibility to the other, such as the 1- "oralization" (JUSTINO, 2014), which presents itself in "post-autonomy" (LUDMER, 2007) of the literature of the crowd, aiming to present, through writing, the discourses of the minority majority; and especially of the 2- "ex-centricity" (HUTCHEON, 1991), an aspect that thematizes diversity. Such pluralizing rhetoric, in addition to valuing difference, challenges the notion of center, with its concepts of ex-centric and off-center. Between some contemporary works involving the crowd and the eccentricity, we can highlight "Hell's angels" and "Lady of the night", short stories by Márcia Denser and Caio Fernando Abreu, respectively, and the novel *Suite Lady of the Night* by Manoela Sawitzki, narratives that will be discussed in this study. The protagonists "Diana", "Lady of the Night" and "Júlia Capovilla" will lead the reflection on the difference as collective eccentricity, because they carry feelings of non-belonging, and utter pluralizing discourses, endowed of the singularities and subjectivities, which will define one in relation to the other, allowing alterity and aiming at freedom. The ideas presented here are based on the research and bibliographic study of Dalcastagnè (2012), Dias (2005), Resende (2008) and Ludmer (2007), who present critical views about contemporary Brazilian literature, their perspectives and approaches, focusing on the concept and intentions of the literature of the crowd, presented by Justino (2012 and 2014) and Negri (2010 and 2015), establishing the relation between literature, revolutionary potentials and status of difference, through the terms and ideals coined by Cocco (2007), Hutcheon (1991) and Salcedo (2012) on the ex-centric and their subjectivities, aiming at the presentation of the ex-centricities of the mentioned characters, observing the reactive ideals of the crowd. The route begins with the approach of contemporary literature and its multiplicity, following with its reading, from the literature of the crowd, tracing the movements of this space, which will allow the analysis of the ex-centric women in question.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature and the Crowd, Ex-centricity, Ex-centric women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Literatura Brasileira Contemporânea e sua multiplicidade	12
2. Literatura de Multidão como análise da Literatura Brasileira Contemporânea	14
3. A potência oralizante e a pós-autonomia da Literatura de Multidão	18
4. O ex-cêntrico (ou o discurso do diferente)	21
4.1 As singularidades cooperantes das ex-cênicas Diana, Dama da Noite e Júlia Capovilla	23
4.2 Diana e a oralização de comportamentos desviantes	24
4.3 Dama da Noite, o sentimento de não pertencimento e os discursos reativos ao padrão homogeneizador	27
4.4 A ex-cêntrica Júlia Capovilla, suas singularidades e subjetividades	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

Introdução

A literatura brasileira é um espaço de disputa e já foi considerada um instrumento de afirmação da nacionalidade, no período romântico. Atualmente, com a literatura contemporânea, há a busca por poder de fala e legitimidade, sobre si e sobre o mundo, através dos espaços literários, que demandam força e resistência.

Um desses espaços é a “Literatura de Multidão” (JUSTINO, 2014), designada como o “lugar comum” para manifestação e legitimidade social, já que aborda a multiplicidade relacionada ao convívio da heterogeneidade. Tal investidora destaca sempre a diferença e o pluralismo, objetivando a formação e o surgimento de discursos reativos às forças homogeneizadoras da globalização. Com vistas não apenas à resistência, mas, sobretudo, à liberdade.

No âmbito dessa literatura múltipla, a multidão, formada pelos muitos (grupos marginalizados), é o elemento essencial para exteriorização das subjetividades, já que é entendida como uma força que, não apenas questiona conceitos e contesta os modelos de ordem, mas também exibe a potência da diferença, apresentando e valorizando a diversidade.

Para os filósofos Hobbes, Rosseau e Hegel, na tradição hegemônica da modernidade, a multidão era considerada como caos e guerra, unificando o conceito de povo a uma massa de indivíduos, o que desconsidera a multiplicidade das singularidades, e se resume a conceitos transcendentais e individuais.

Já Antônio Negri, em sua definição ontológica da multidão, se baseia em “premissas imanentes”. Para ele, “a multidão é sempre produtiva e está sempre em movimento”. Assim, trata-se de um conjunto de singularidades em cooperação, que tudo produz, para além do mensurável, porque a multidão é uma potência contra o poder hegemônico, que se baseia no confronto, através de expressões produtivas.

Ao contrário do povo, visto como unidade, uma massa social homogênea e passiva, “a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age”, (NEGRI, 2015, p. 18). Através do trabalho imaterial, de caráter revolucionário, ela opera em busca de liberdade, transformação, produção de subjetividades e construção de novas formas de vida, sempre em relação com o outro, já que sem o outro torna-se impossível a sua existência.

Através da multidão, há o surgimento e o reconhecimento de novas vozes na literatura contemporânea brasileira. “São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura, permanentemente, posta em

questão nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário”, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19), pois tencionam, com as suas presenças, a articulação da literatura com a experiência cotidiana, a partir da apresentação dos percursos das personagens pela cidade e suas formas de viver no cotidiano, juntamente com o encontro da diferença minoritária.

Dentro desse espaço de luta há caminhos a percorrer, com o intuito de dar voz aos muitos, enxergando o outro através de movimentos que exteriorizam os seus comportamentos e pensamentos, de modo a sobrepor o conflito por liberdade, inclusão, igualdade de direitos, democratização, oportunidades e resistências.

O principal movimento, presente na literatura de multidão, que reafirma os potenciais revolucionários, é a ex-centricidade. Entendida como uma retórica que questiona e reage às regras, à ordem e ao padrão vigente, através de conceitos como ex-cêntrico e off-centro, buscando desafiar a noção de centro (totalidade) e repensar as fronteiras (diferença), a partir da escrita e/ou oralização do outro, já que o outro não é formado por discursos prontos, proferidos e enraizados, de acordo com suas categorias, mas sim de subjetividades que merecem ser ouvidas.

Considerando a manifestação das vozes dos marginalizados, a valorização e a potência da diferença, a multidão e sua multiplicidade como critérios de resistência, e, sobretudo, a ex-centricidade, traçaremos, como objetivo principal da nossa pesquisa a oralização de personagens marginais, fora do padrão comportamental ditado pelo centro dominante, a partir do estudo do percurso subjetivo de três mulheres que vivem vidas ordinárias contra alguma espécie de ordem, assumindo a palavra sobre si, impondo seus olhares sobre o mundo e expondo seus sentimentos de não pertencimento, em busca de liberdade.

As escritoras e o escritor contemporâneos, Márcia Denser, Manoela Sawitzki e Caio Fernando Abreu, com suas obras “Hell’s angel”, “Suíte Dama da Noite” e “Dama da Noite”, trarão à tona a padronização e homogeneização da maioria, ainda minoritária, constituída pelas mulheres. A partir da análise cooperativa das personagens femininas “Diana”, “Júlia Capovilla” e “Dama da Noite”, buscaremos evidenciar a potência da diferença, a luta e a resistência por igualdade e liberdade, através de comportamentos desviantes identificados nessas três mulheres.

A finalidade é tematizar o status da diferença como excentricidade, por meio da linguagem, tomando como ponto de partida a literatura contemporânea ou de multidão, para oralização do ex-cêntrico. Abordando a escrita do outro, objetivamos compreender em que

medida os muitos necessitam uns dos outros para alcançar o reconhecimento e a exteriorização da própria subjetividade, reafirmando os encontros com a alteridade.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: 1 – O aparato teórico, em que fundamentamos os estudos sobre a literatura brasileira contemporânea e sua multiplicidade, abordando a literatura de multidão, sua potência oralizante e pós-autonomia, com foco no ex-cêntrico (ou o discurso do diferente); 2 – A análise da relação dos muitos, a partir do estudo de suas subjetividades, no encontro entre as singularidades cooperantes das ex-cêntricas Diana, Dama da Noite e Júlia Capovilla.

1. Literatura brasileira contemporânea e sua multiplicidade

Diante das inúmeras possibilidades de afirmação sobre a Literatura Brasileira Contemporânea, correspondente pela sua prática realizada dos anos 1980, que se amplia cada vez mais a partir da primeira década do século XXI, três constatações iniciais são evidenciadas nessa produção literária recente, a saber: a fertilidade, a qualidade e a multiplicidade.

Através de comentários, do consumismo, do surgimento de novos escritores, novas editoras, habilidades na escrita e da aparição de novas vozes, vindas, por exemplo, das periferias das grandes cidades (espaços até então afastados do universo literário), que usam seu próprio discurso como expressão artística, percebemos a fertilidade dessa forma de expressão.

Como exemplo disso, temos as obras de Carolina Maria de Jesus, considerada uma escritora semianalfabeta, mas que utiliza o desejo de escrever, a força e a beleza dos seus livros, para construir a legitimidade sobre si. Outro destaque é Conceição Evaristo, mulher, negra, pobre, ex-empregada doméstica e moradora da periferia de Belo Horizonte, que também “transfere para sua obra sua própria legitimidade”, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 15).

A qualidade dos textos envolve a preparação da obra com uma escrita cuidadosa e original, com imaginação, conhecimento das muitas possibilidades da nossa sintaxe e uma surpreendente referência à tradição literária.

Já a multiplicidade, consequência da fertilidade e das novas possibilidades editoriais, talvez seja a principal evidência ao abordar a literatura contemporânea, pois abrange as múltiplas perspectivas de sua prosa, por também está atrelada às mudanças de concepções advindas dos movimentos e dos estudos culturais, a partir dos anos 1960.

A multiplicidade por si só é heterogênea, porque trata da “heterogeneidade em convívio”, o que também a define como “não excludente”, como defende Rezende (2008, p. 18). É essa expressão forte e característica principal da Literatura Contemporânea que abarca as múltiplas possibilidades de criação literária, assim como evidencia a convivência entre as expressões culturais diferentes, o que atinge as práticas culturais em flagrante conflito com a diversidade e o pluralismo.

Se observarmos a produção cultural a partir do conceito de hibridismo, notaremos que “(...) é na aparição de discursos anti-hegemônicos que surgem recursos que dão formas múltiplas à criação literária contemporânea”, (REZENDE, 2008, p. 20), uma vez que é em sua multiplicidade que essa literatura além de aparecer como um fator positivo e original, torna-se reativa diante das forças homogeneizadoras. Assim, a multiplicidade é reconhecida como um lugar de resistência e liberdade, que merece atenção por ser forte e por apresentar propostas de criação inovadora.

Olhando para obras publicadas nas últimas décadas, dentro do tema da multiplicidade, vemos ainda nessa diversidade questões predominantes e preocupações em comum que aparecem com mais frequência. São três essas questões: a presentificação, evidenciada através do sentimento e do imediatismo; o retorno do trágico, representado na vida cotidiana, mas que se entranha nos universos privados e nas relações pessoais; e a violência nas grandes cidades, tema recorrente na cultura produzida no Brasil contemporâneo, que se apresenta com um excesso de realismo e tem a própria cidade como “locus”.

Essas três temáticas estão relacionadas às características que a cultura vive hoje e dão formas múltiplas à criação literária, demarcando a articulação da literatura com a experiência cotidiana. É essa estreita relação da literatura contemporânea com a vida urbana o que revela o realismo e a crueldade da violência, do exotismo e da melancolia, e, conseqüentemente, constituirá a representação da alteridade, como sugere Dias (2005).

A multiplicidade que os textos de literatura contemporânea encenam é visível a partir dos próprios recursos e temas utilizados, como: a apropriação irônica, a irreverência diante do politicamente correto, a violência explícita, a memória individual traumatizada, seja por momentos anteriores da vida nacional, seja pela vida particular, a arrogância de uma juventude excessiva, a escrita saída da experiência, a apresentação ou representação das raças, dos gêneros, dos sexos, dos preconceitos, das desigualdades sociais, entre diversas outras questões. Esse pluralismo é o que garante a aparição de vozes diferenciadas na literatura, “em vez de sonoridades em eco”, (REZENDE, 2008, p. 20).

É através da representação e da inclusão dos grupos marginalizados que a literatura contemporânea apresenta a diversidade. ‘Trata-se de uma representação que aborda políticas, programas ou ideais’, como defende Dalcastagnè (2012), porque dá voz aos grupos populares e se preocupa com a diversidade à caráter social. O fato dos marginalizados virem o mundo e se expressarem à sua maneira, com suas experiências e perspectivas, é o que enriquece a literatura, uma vez que aborda as diferenças. São essas particularidades, juntamente com a pluralidade de ideologias, valores pessoais e sociais, o que comprova a multiplicidade da literatura contemporânea.

A importância política e social apresentada pela preocupação com a representação da diversidade na literatura pode ser evidenciada de forma que:

A representação artística repercute no debate público, pois pode permitir um acesso à perspectiva do outro mais rico e expresso do que aquele proporcionado pelo discurso político em sentido restrito, (GOODIN, 2000, p. 106). Como a injustiça social possui duas facetas, uma econômica e outra cultural, a luta contra a injustiça inclui tanto a reivindicação pela redistribuição da riqueza, como pelo reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos, (FRASER, 1997, cap. 1): o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação dessa experiência por trabalhadores, mulheres, negros, índios, gays, deficientes etc, (*apud* DALCASTAGNÈ, 2012, p. 47).

Desta feita, podemos perceber que a literatura, por ter legitimidade social, é considerada um espaço privilegiado para tal manifestação, principalmente por mostrar que o discurso das camadas populares também tem valor e merece ser ouvido.

2. Literatura de multidão como análise da literatura contemporânea brasileira

Na Literatura Brasileira Contemporânea, as narrativas correspondem ao gênero discursivo de maior legitimidade e assumem um espaço na Literatura de Multidão, por se tratarem de ‘(...) narrativas que multiplicam o número de personagens na trama, semiotizando uma quantidade infinita de encontros, de ações que potencializam contatos’, (JUSTINO, 2014, p. 131), além de reforçar inúmeros diálogos, sociais, culturais, étnicos, literários etc. Também multiplicam os gêneros, as formas, os formatos, o locus e o interlocutor, sempre apresentando os percursos das personagens pela cidade e suas formas de viver no cotidiano brasileiro. Portanto,

São narrativas de muitos, em estado de coopertencimento. Os muitos são tanto do lugar, partilham uma vizinhança próxima e os problemas comuns de toda proximidade, quanto operam no cotidiano com diversos alhures econômicos, culturais, linguísticos, tecnológicos, literários... Mas não deixam de estar atados aos lugares e às suas demarcações na ordem urbana e social, (JUSTINO, 2014, p. 132).

A multidão refere-se a um conjunto no qual os muitos vivem em inter-relação recíproca e sua multiplicidade constitutiva se apresenta como uma forma de leitura. O “lugar comum” (JUSTINO, 2014) trata-se de um dos principais pontos ao se trabalhar a multidão, uma vez que é um espaço onde os muitos recorrem, por corresponder à forma própria do trabalho imaterial nas sociedades contemporâneas. E como Virno (2013, p. 13, *apud* JUSTINO, 2014, p. 132) defende, “o comum é o fundamento da partilha e o que o define é a cooperação. É o comum que torna a multidão cooperante, ele vincula, torna exterior e coletiva a vida, com suas muitas singularidades e produção de subjetividade”.

Na literatura de multidão, os muitos vivem em partilha, compartilhando os problemas comuns, suas singularidades e subjetividades de forma cooperante. São os encontros que impulsionam a literatura de multidão, pressupondo horizontes dialógicos, expandindo os personagens na trama, seus percursos pela cidade e a produção de subjetividade. Com isso, os muitos necessitam uns dos outros para alcançar o reconhecimento e a exteriorização da própria subjetividade, assim como para reafirmar os encontros com a alteridade, com o preconceito e a exclusão, como poderá ser observado nas obras *Hell’s Angels*, *Dama da Noite* e *Suíte Dama da Noite*.

A partir disso, podemos ressaltar dois pontos principais em relação à literatura de multidão: 1- A literatura de multidão reafirma que a literatura é também uma forma discursiva representacional da vida, e essa relação diz respeito às direções políticas da vida cotidiana. Sendo também uma forma de democratização, de igualdade, de oportunidades e resistências, como demanda e espaço de luta. 2 - A literatura de multidão toca na instabilidade do sistema, alimenta-se da generalização das atividades de escrita, das novas relações de contato entre escritor e público, retira o privilégio da escritura das mãos do intelectual branco formado na cultura letrada de origem europeia e recusa a supremacia do discurso literário, como também sugere Justino (2014).

Portanto, é preciso reconhecer nessas narrativas: a multiplicidade e a heterogeneidade; a pluralidade das formas de vida, de educação e letramento; as diferenças sociais, políticas, profissionais, subjetivas, de gêneros, classe, etnia etc, o que apresentam e evidenciam a

multidão, e coloca a literatura de multidão em relação com a experiência cotidiana, diante da realidade das formas de vida contemporânea.

É essa ligação entre literatura e realidade que prova a ligação entre literatura e cultura, o que impulsiona o pensamento sobre o presente, seja na própria obra literária, seja nos aspectos contextuais, relacionados à cultura e à vida contemporânea. Desse modo, “tem-se a experiência do encontro com a diferença minoritária, em suas muitas tensões e potenciais revolucionários”, (JUSTINO, 2014, p. 145). Como a cultura e a realidade contemporânea é um espaço (concreto e abstrato) múltiplo, os textos da literatura contemporânea encenam uma ampla multiplicidade.

Além das múltiplas cores e temas, a narrativa contemporânea apresenta pontos centrais e característicos que representam que a literatura está relacionada à “sua capacidade de semiotizar a alteridade, na encenação das vivências do homem comum”, (JUSTINO, 2014, p. 152). Ou seja, trata-se de uma escrita do outro, que principalmente abarca o outro com estratégias de falar e dar voz a esse outro, de mostrar suas condições e suas relações com as instituições sociais e as estruturas do poder, em momentos de ruptura.

Destarte, a Literatura Contemporânea, tratada sob o *locus* da multidão, apresenta como pontos centrais em suas narrativas: personagens e narradores que foram se transformando e crescendo em importância ao longo dos anos, o leitor que possui um novo significado dentro da estrutura narrada, o próprio escritor, que também se vê obrigado a, de algum modo, expor-se normalmente a partir de uma personagem, com características próprias, mas que exibi-se com nome e sobrenome, confundindo ficção e realidade.

O narrador, ponto bastante relevante e discutido, aparece como uma nova figura. Envolvido com o que está sendo narrado, expressa seus sentimentos, e muitas vezes se apresenta como confuso, mentiroso, obstinado e suspeito, “seja porque tem a consciência embaçada, seja porque possui interesses e vai defendê-los”, como propõe Dalcastagnè (2012). Diferente da imagem que temos em mente, de um sujeito poderoso, que tudo sabe e comanda, como se tudo fossem verdades inquestionáveis, o narrador contemporâneo nos dá espaço para questionar o que está sendo narrado, mesmo expondo um ponto de vista comprometedor, como o que é construído pelo narrador do romance “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum.

É esse espaço apresentado pelo narrador contemporâneo que nos faz desconfiar de toda a matéria narrada e nos coloca como leitores que buscam interpretar os fatos narrados, em vez de aceitá-los sem suspeitas. Consequentemente, o leitor também apresenta novas

funções, sobretudo, preencher os espaços e pontos escuros, a partir da interpretação do que está sendo narrado.

A imagem desse narrador, juntamente com a presentificação nas obras, revela o tempo (presente) das narrativas, como uma forma de confirmar a existência, se baseando no aqui e no agora, mas que sempre reporta ao passado para dar conta do presente. São narrativas que dão conta da nossa existência no mundo, porque tratam-se de “uma sequência de biografias que falam do passado sem nunca tirar os olhos do Presente. É esse, basicamente, o tempo dessas narrativas”, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 91). Assim, as lembranças são narradas para manterem-se vivas, originando uma estratégia para construir um sentido (que nem sempre é alcançado) sobre o que está sendo abordado.

Já as personagens, são pessoas comuns, que produzem seus lugares comuns e suas formas de resistência, a partir de seus discursos ou dos discursos que lhes dizem respeito. Suas experiências se relacionam aos homens e às mulheres que vivem vidas ordinárias, contra alguma espécie de ordem e, ao mesmo tempo, radicalmente inseridas nelas. Correspondem às figuras que não param de receber atributos e privilégios na narrativa contemporânea, uma vez que “ganham a palavra sobre si, além de serem subtraídas as vestes e outras marcas de identidade”, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 95). Também assumem o lugar de fala, como uma forma de dar legitimidade e autenticidade ao seu discurso, impondo seus olhares sobre o mundo.

A partir desse lugar de fala, essa literatura dá acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Reforça em seu interior, vários diálogos com o gênero, a etnia, e a classe social a que pertence o escritor, o narrador e seus protagonistas. Apresenta uma percepção da realidade, que abarca a construção temporal, em que tempo e espaço se sobrepõem, porque há uma busca pela linguagem simultânea e não sucessiva.

Ainda em relação a esse lugar de fala, é importante pensar em “quem fala e em nome de quem”, qual o espaço de ambos na sociedade e o que eles pretendem ao dá acesso às vozes, como sugere Dalcastagnè (2012). É aí que entra a questão da representação da realidade pela literatura, através de vozes que buscam falar em nome dos marginalizados, não se resumindo aos discursos prontos e carregados de estereótipos.

Consequentemente, a literatura de multidão potencializa os espaços dos grupos marginalizados, porque não os entende como aqueles que vivenciam uma identidade coletiva. Contudo, não se trata de identidade, que remete ao individual e comporta definições por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física etc, e sim às

singularidades e subjetividades, o que rompe com os critérios definidos e categóricos das classes populares.

Individualidade significa aquilo que está inserido em uma realidade substancial, que tem uma alma e uma consistência por separação em relação à totalidade, em relação ao conjunto. Na multidão, vive-se com os outros, a multidão é o reconhecimento do outro. A singularidade é o homem que vive em relação com o outro, que se define em relação com o outro. Sem o outro ele não existe em si mesmo, (NEGRI, 2010, p. 3).

É na compreensão disso, que essa literatura múltipla corresponde ao encontro com a experiência comum, do homem comum, e trata de singularidades e não de individualidades. Enquanto a massa e o povo são identitários, já que pressupõem unidades, a multidão, que a Literatura Contemporânea trata, é sempre outra, e é entendida como um conjunto de singularidades cooperantes.

Os seus muitos se oralizam contra a hegemonia, uma vez que a multidão tem como foco principal ressaltar sua heterogeneidade diante das estruturas de poder que homogeneiza essa multidão, colocando-a apenas como inferior e igualitária, sem considerar suas características cambiantes que se colaboram e se cooperam. Também é a multidão que ressignifica os objetos a partir da experiência e de sua partilha, apresenta múltiplas singularidades internas e a potência da diferença, assim incluindo a literatura da mulher, por exemplo.

Por ainda sermos identitários quanto às estratégias de leitura e metodologias de abordagens do texto literário, para observarmos e compreendermos a prosa da ficção brasileira contemporânea, visibilizar a diferença, sua multiplicidade e produtividade da experiência cotidiana, além de questionar a subalternização das minorias e de seus produtos culturais em sua potência, é preciso ler e escrever levando em conta os modos de vida e deslocar a atenção de modelos, espaços e conceitos da modernidade, que até então nos eram familiares, utilizando-se do conceito de multidão para nos libertarmos da leitura identitária.

3. A potência oralizante e a pós-autonomia da literatura de multidão

É no tempo e no espaço definidos pela realidade contemporânea, que a literatura de multidão reafirma a multiplicidade das formas da literatura contemporânea, e as vozes dos muitos (da multidão) surgem e ganham forças capazes de resistir aos lugares especiais e de privilégio, recorrentes nas tradições literárias nacionais. É através da oralização que as

minorias resistem, o que permite afirmar que as multidões contemporâneas das narrativas brasileiras, assim como a literatura de multidão, são oralizantes, consequência dos encontros que os muitos partilham. Encontros nos quais os diálogos e o lugar comum são pontos chave para a troca.

A oralização tem dupla face ou dois caminhos que se dividem. Uma face coletiva, que se encaixa nas memórias comunitárias, e a outra que tem com a escrita uma relação de mistura e ruptura, por causa da diversidade e do caráter reativo que a multidão comporta. Dessa forma, a oralização:

Pressupõe um ambiente de escrita, a partir de onde é possível resistir pela literatura para além do literário. Oralizar se torna assim a operação semiótica definidora da multidão, sendo esse aspecto diferente em tudo do conceito mais antigo de oralidade, (JUSTINO, 2012, p. 156).

É importante perceber que a oralização corresponde a uma atividade que dá voz a multidão, através da escrita, já que se situa “(...) sempre em contextos de escritas, muitas escritas e escritas de muitos”, (JUSTINO, 2014, p. 157), o que não se relaciona na íntegra com a prática da oralidade e sua sonoridade.

A potência oralizante da multidão corresponde à força que essa emite ao resistir aos ambientes homogêneos, o que posiciona a oralização num contexto de multiplicidade, diferença, memória pessoal e coletiva. O fato da multidão supor uma técnica de resistência, implica também pensarmos a oralização como um espaço político estratégico para as comunidades não hegemônicas preservarem suas memórias, a partir de um novo conceito de subjetividade, uma subjetividade que é coletiva e não remete a sujeito ou a individualidade, uma vez que “a subjetividade é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou relação de delimitação com uma alteridade ela mesmo subjetiva”, (GUATTARI, 1992, p. 19).

Assim, os muitos, em seus diversos encontros, estão a todo tempo propagando subjetividades que permitem a alteridade, ou seja, a interação e a partilha. Pressupondo não apenas que a existência de um depende do outro, mas que suas subjetividades são coletivas, o que é próprio de um, também faz parte de outro. Dessa forma, a oralização não remete à identidade, sua inserção num passado, numa tradição, numa comunidade, no que é identitário. O tempo é sempre o presente carregado de “agoras”, o que importa é o presente, seus conflitos e suas ações, que sempre remetem ao coletivo.

Através da escrita, a oralização da literatura de multidão e de seus muitos dá conta dos resíduos das resistências das minorias, de seus diversos modos de produção de linguagem e de vida, através dos encontros e da partilha em ambientes densamente povoados, evidenciando a reação da literatura além do âmbito literário, o que compreende-se por poder às forças da homogeneização, seja nas escrituras literárias contemporâneas, seja na própria realidade cotidiana.

Diante da relação constatada entre literatura contemporânea (ou de multidão) e realidade ou formas atuais de vida, um novo ciclo de produção e circulação de bens culturais pode ser notado, fazendo com que essa literatura se comporte de forma, por assim, dizer, indefinida. Essa indefinição pode ser entendida a partir do momento em que não se percebe uma clara distinção entre realidade e ficção nos textos da prosa atual.

É esse entrelaçar entre realidade e ficção, escrita e cultura, com uma forte referência ao presente, que permite à literatura de multidão novas expressões, como as sugeridas por Josefina Ludmer: *Práticas literárias territoriais do cotidiano e Literatura pós-autônomas*. “São e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade”, (LUDMER, 2007, p. 1), uma vez que não apresentam uma clara barreira entre ficção e formas de vida. São consideradas pós-autônomas, porque suas narrativas apresentam outros movimentos e rompem com a autonomia literária.

Enquanto a literatura autônoma consiste em uma forma que apresenta uma lógica interna e um poder crucial de definir-se e ser regida pelas suas próprias leis, com instituições próprias (crítica, ensino, acadêmicas), debatendo sua função, seu valor e seu sentido, detendo um modo de ler-se e alterar-se a si mesma, a Literatura pós-autônoma implica novas condições de produção e circulação das narrativas, que modificam os modos de leitura, por consequências advindas do surgimento das empresas transnacionais do livro ou das oficinas do livro nas grandes redes de jornais e rádios, televisão e, principalmente, da internet.

Dessa forma, “saem da literatura e entram na realidade e no cotidiano (e o cotidiano é a TV e os meios de comunicação, os blogs, o e-mail etc). Fabricam o presente com a realidade cotidiana (produzida pelos meios, pelas tecnologias e pela ciência), e essa é uma de suas práticas”, (LUDMER, 2007, p. 2).

São escrituras que não admitem apenas leituras literárias, porque não se sabe ou não se importa se são ou não literatura, já que a fronteira entre ficção e realidade é quase invisível. As obras refletem e refratam a vida que as tornaram possíveis, através do fabricar do presente. “Aparecem como literatura, mas não se pode lê-la com critérios ou categorias literárias como

autor, obra, estilo, escritura, texto e sentido”, (LUDMER, 2007, p. 1), porque rompem com a autonomia literária que desenha um percurso de como adentrar na obra.

A pós-autonomia apresenta a literatura não mais como um campo autônomo e unificado, pois sai da literatura e entra na realidade cotidiana, fabricando o presente com essa realidade, representando o narrador diferente do personagem, não trabalhando a diferença entre vida e obra, o que constitui “a ficção ou as ficções do presente”, como também defende Ludmer (2007).

É na Literatura Pós-Autônoma que “os processos de singularização de autonomias provisórias e as estratégias pontuais e específicas, éticas, de região, de geração e de classe se delimitam”, (JUSTINO, 2012, p. 154), o que torna possível a oralização da multidão, através de uma nova criação e significação do mundo.

Na perda da autonomia e da literariedade do literário, a Literatura de Multidão ganha força e potência. Considerando-se, então, pós-autônoma, porque cria e ressignifica o mundo além da literatura, não deixando de ter com esta uma relação próxima.

4. O ex-cêntrico (ou o discurso do diferente) na literatura de multidão

A literatura contemporânea opera e indica o convívio das diferenças, a partir da representação da pluralidade de perspectivas, da inclusão dos marginalizados, suas múltiplas vozes, experiências e movimentos. Dessa forma, evidencia-se que o romance literário reforça, em seu interior, inúmeros diálogos sociais, culturais, étnicos e políticos, graças à existência de um novo movimento entre obra literária e meio. São esses diálogos que mostram que a narrativa contemporânea está ligada ao espaço social e seus fatores, como uma forma de representação e resistência.

Além desses diálogos, alguns movimentos constituem o discurso teórico contemporâneo, no sentido de enxergar o outro (o diferente, o marginalizado) e suas particularidades. Um desses movimentos, denominado Exotismo, “um meio pelo qual se pode operar”, segundo Bernard Mouralis (1982), alega em seu discurso que “o desconhecido e o estranho sejam codificáveis e entrem em nossas categorias intelectuais”, (MOURALIS, 1982, p. 111 *apud* DALCASTAGNÈ, 2012, p. 23).

Assim, o outro não é visto como um “animal grotesco”, e as imagens de homens e mulheres, considerados exóticos, não são formadas por discursos proferidos, prontos e enraizados, de acordo com suas categorias. Porém, na maioria das vezes, “o outro aparece

com as feições que a tradição lhes deu, deformados pelo nosso medo, preconceito e sentimento de superioridade”, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 24). O que representa essa categoria dos marginalizados como uma ameaça, sem ao menos apresentar seus pensamentos políticos e sociais, suas ideologias, valores pessoais ou sentimentos, reforçando a ideia de que pessoas que vivem à nossa volta são seres estranhos e/ou distintos, somente por apresentarem comportamentos diferentes.

Outro movimento, presente no discurso contemporâneo, apresenta uma postura interrogativa, de forma a contestar os modelos de ordem e homogeneização:

Boa parte da teoria literária e o romance pós-moderno questiona toda aquela série de conceitos inter-relacionados: autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade, teleologia, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem, (HUTCHEON, 1991, p. 84).

Questionar esses conceitos é uma maneira de indagar suas relações com a experiência, o que não requer certeza e padrões de julgamento. Trata-se de um desafio aos ideais de eterno e universal. Esses questionamentos abrem caminhos para desafiar a noção de centro (totalidade), originando um movimento que repensa as fronteiras e as margens (diferenças e heterogeneidades). Sendo considerado, nitidamente, um afastamento à centralização.

A partir disso, tem-se a descentralização das categorias de pensamento (o centro começa a dar lugar às margens) e a valorização da diferença, o que sugere o incerto, o antitotalizante, a multiplicidade, a descontinuidade e a pluralidade nas obras contemporâneas. Portanto, conceitos como “ex-cêntrico”, “off-centro” e “ex-centricidade” começam a fazer parte da retórica pluralizante do pós-modernismo, tendo em vista que:

Ser ex-cêntrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora, é ter uma perspectiva diferente, que Virgínia Woolf (1945, p. 96) já considerou como sendo “alienígena e crítica”, uma perspectiva que está “sempre alterando seu foco”, porque não possui força centralizadora, (HUTCHEON, 1991, p. 96).

Como a força da globalização, juntamente com o capitalismo, acarreta a homogeneização do gosto, das expectativas, do consumo e do comportamento, os ex-cêntricos, ou diferentes, não só apresentam pensamentos, posicionamentos, perspectivas e comportamentos desviantes, como também questionam e reagem às regras, à ordem e ao padrão vigente, sempre em busca de liberdade.

A narrativa contemporânea, evidenciando as possíveis formas de representação, através da arte e da sociedade, mostra os percursos de protagonistas/personagens diferentes/ex-cêntricos, que apresentam sentimento de não pertencimento, ou seja, “personagens marginais, fora do padrão comportamental aceito”, (SALCEDO, 1991, p. 1). Tratam-se de indivíduos, na maioria das vezes, solitários, porque divergem do padrão comportamental hegemônico, ou socialmente legitimado, que trazem consigo discursos diferentes, como forma de resistência.

A oralização da Literatura Contemporânea, entendida aqui como Literatura de Multidão, é vista como alternativa à padronização ou uniformização da produção cultural, e é através das narrativas brasileiras contemporâneas que a oralização das multidões contemporâneas se concretizam. Para pensar a heterogeneidade, a multiplicidade e a diferença na literatura contemporânea de multidão é importante e necessário pensar nos conceitos de “ex-cêntrico” e de “excentricidade”, formas que desconstroem a universalização totalizante.

Como “é por meio da linguagem que se tematiza o status da diferença como excentricidade” (HUTCHEON, 1991, p. 103), é através da literatura contemporânea e sua multiplicidade que o ex-cêntrico ou off-centro se oraliza. Podemos, então, entender que o heterogêneo, o múltiplo e o diferente por si só são ex-cêntricos. Logo, a literatura de multidão ao referir-se aos muitos e suas diversas faces trata da excentricidade da maioria minoritária, ou seja, do afastamento em relação com o centro/padrão, com a “normalidade”.

Dessa forma, os muitos representados pela literatura contemporânea são ex-cêntricos. Por exemplo, as mulheres constituem uma diversidade de reações a uma situação de centralidade/homogeneização, logo fazem parte das fronteiras da marginalidade. Já, mulheres que reagem aos comportamentos padrões estabelecidos, buscando sempre ideais libertários da padronização, percorrem o movimento de descentralização, alcançando a excentricidade, portanto, são ex-cêntricas.

4.1 As singularidades e subjetividades cooperantes das ex-cêntricas Diana, Dama da Noite e Júlia Capovilla

A literatura contemporânea, observada aqui pelo viés da literatura de multidão, trata da multiplicidade, do convívio na heterogeneidade – diversidade e pluralismo -, e é vista como um espaço de luta, resistência e liberdade, em que há o encontro dos elementos da

centralidade cultural/social com a diferença minoritária, resultando em partilhas de singularidades e subjetividades, que afirmam e evidenciam os processos de alteridade.

Trazemos para a reflexão os conceitos de oralização; excentricidade; heterogeneidade; diferença; resistência; e liberdade, como formas de repensar as fronteiras, dar voz às minorias e evidenciar a potência da diferença, a partir de três personagens femininas, que fazem parte da retórica pluralizante do pós-modernismo e apresentam perspectivas e comportamentos desviantes do padrão homogeneizador.

São três vozes, que assumem a palavra sobre si, que se reconhecem uma na outra e, assim, reafirmam os encontros com a alteridade, por meio da expressão de suas próprias subjetividades. Essas três personagens apresentam suas perspectivas sobre o mundo, suas potências e resistências aos ambientes homogêneos. Através do diálogo da diferença, a valorização dessa diferença, a liberdade, e, sobretudo, os discursos pluralizantes, que se oralizam nas escritas, elas reagem às regras e à ordem vigente, em um percurso já trilhado na literatura por personagens de décadas distintas, mas que agora são atualizadas em novas configurações na literatura contemporânea.

4.2 Diana e a oralização de comportamentos desviantes

Diana, personagem do conto “Hell’s Angels” de Márcia Denser (1983), é uma mulher de 30 anos, que se sente amargurada e solitária, por fazer acompanhamento com um analista, já que tem medo da velhice, ou não se acostuma com o fato de estar envelhecendo. Ao se apaixonar por um rapaz 11 anos mais novo que ela, Robi, vê nele sua própria adolescência e juventude:

Por segundos, foi como se estivesse me vendo lá fora, do outro lado da juventude, há dez, doze anos atrás, o sorriso entre tímido e malicioso, olhos irrequietos, inseguros, lábios naturalmente úmidos, cabelos emaranhados e elétricos como filamentos de cobre molhado, (DENSER, 1983, p. 393-394).

Ela se sentia velha demais em relação às coisas que fazia, como um tratamento dentário intensivo e se chatear com os amigos no bar, acreditando, assim, que “merdava”. Diana se apaixonou por Robi e não consegue parar de pensar nele. Vê-se tão atraída que se sente uma adolescente apaixonada. Por ser mais velha que Robi, idealiza seu amado como um “anjo vermelho”, que a coloca em tentação, acreditando que interessar-se por um rapaz mais jovem seja pecado.

Percebemos que Diana é uma mulher insegura, pois mesmo com a idade que tem, carrega medos de uma criança:

Mas meus dedos tremiam. Cruzar ou não as pernas? Dirigir-me como agora ao meu chefe? E se dirigir-se a mim? Teria forças psicológicas para proceder aos processos e pareceres? Então era assim que eu sobrevivia? Aquele garoto de jeans, blusão de couro e botas de montaria, sentado displicentemente numa das poltronas da sala de espera, transformara-se no meu inquisidor, meu juiz de alçada, meu anjo vermelho, (DENSER, 1983, p. 395).

Apesar das inseguranças de seus sentimentos em relação a si e ao que a rodeia, Diana não reprime os seus desejos e formas de expressão, corporais e sentimentais, o que expressa a sua ‘pretensa maturidade’, como sugere Denser, na página 398. Diferente de uma mulher passiva, socialmente construída, apresenta posturas diferentes em relação ao homem. Ela quem compra o presente de natal (uma boneca) para a irmã de Robi, porque ele não tem dinheiro suficiente, assim como paga também as contas dos bares, quando os dois saem. Utiliza seu dinheiro para comprá-lo e atraí-lo.

Seu encantamento por Robi não a torna submissa aos desejos dele. Por ter consciência de que esse rapaz de 19 anos quer aproveitar a vida e os prazeres do sexo, sem compromissos ou cobranças, isso aguça seu interesse na relação, já que também deseja apenas algo casual. O que a faz tomar iniciativa de convidá-lo para ir a um motel, enquanto estão jantando e bebendo, quebrando o estereótipo do pudor sexual feminino.

Diana rompe a imagem da mulher/mocinha pura, que é modelo na sociedade e na literatura. Faz referência à deusa latina de mesmo nome, também conhecida como Ártemis, na mitologia grega, considerada deusa da caça e protetora das mulheres. Sua característica dominadora reafirma seus potenciais libertários. ‘Diana vive suas aventuras, experimenta as sensações corporais. Semelhante à deusa, a personagem mantém a sua liberdade porque a relação com Robi é passageira e libertária; ela usufrui de seu próprio corpo’, como sugere Fagundes (2005), em análise ao conto em questão.

Ela foge da tradição às personagens femininas, por ter um emprego, uma casa e um carro, subentendendo uma independência não apenas financeira, mas também afetiva. Suas características e comportamentos são contrários aos estereótipos sociais do feminino, que configuram uma imagem angelical da mulher, uma vez que se interessa mais pela intensidade do prazer do que do amor.

Márcia Denser, por ser mulher e dá voz, através da escrita, a outra mulher, evidencia a potência oralizante da literatura e da multidão, através da resistência aos comportamentos

homogêneos e à padronização da produção literária. Compreendendo a oralização como “a moeda comum de resistência aos lugares especiais e de privilégio tão recorrentes nas tradições literárias nacionais, com seus cânones de autores “machos, adultos e brancos”, (JUSTINO, 2014, p. 156), assim como suas personagens padronizadas.

No final do conto, vemos ainda o ranço da heteronormatividade e controle do corpo feminino, através da postura da mulher sendo dominada pelo homem-macho, tratada como um objeto sexual, como uma “máquina de prazer”, (DENSER, 1983, p. 399):

Estava deitada, fumando, quando sua massa rija desabou sobre mim. Procurei seus lábios, mas ele disse não, estou resfriado. Então esperei. Você gosta assim? Perguntou, ajeitando-me de bruços. Abraçava-me com palmas e dedos gelados, comprimindo minhas costelas, machucando-as, em vez de acariciá-las. A coisa funciona só da cintura para baixo, como um vibrador elétrico, mas é bom, pensei, deixando-me penetrar rijamente pelas costas, usando, por assim dizer, só uma parte do meu corpo, como se o resto estivesse paralisado, ou morto, como se ninguém suportasse um dramático relacionamento frontal, com beijos, orifícios, acidentes e cicatrizes, com um rosto, um nome, uma biografia, (DENSER, 1983, p. 398-399).

Notamos exemplos dos resquícios que os padrões morais ainda preservam na sociedade e na literatura. Porém, por ser uma obra que aborda uma proposta mais inovadora do feminino, o que chama a atenção é a forma como Diana reage ao comportamento de Robi, não se diminuindo com a maneira que estava sendo correspondida, pois queria apenas prazer e algo momentâneo. É tanto que depois que Robi adormece ela vai embora para casa, sem se despedir dele, sem apresentar nenhum tipo de sentimentalismo. “Vesti-me rapidamente, em silêncio. Fechei a porta sem ruído. Desci. O saguão deserto... Virei as costas e saí. Guiando de volta para casa”, (DENSER, 1983, p. 399).

Diferente de ser uma máquina de prazer, Diana é formada de particularidades. Carrega e produz subjetividades, entendidas como ex-centricidades, de modo a destruir os discursos prontos e universais sobre o feminino. As suas singularidades irão se definir em relação com outro (as mulheres que serão apresentadas em seguida, por exemplo), compreendendo que a multidão é cooperante e atua na partilha, como também defende Justino (2014).

4.3 Dama da Noite, o sentimento de não pertencimento e os discursos reativos ao padrão homogeneizador

Afirmando a necessidade uns dos outros para alcançar o reconhecimento da própria subjetividade, assim como, exteriorizar a potência da multidão e suas formas de resistências, teremos como outro elemento chave uma personagem que produz seu “lugar comum”, através da vida que leva contra os ideais de ordem, se alimentando do conflito por liberdade.

Personagem de Caio Fernando Abreu (1988), Dama da noite, assim que todos a chamam, dorme o dia inteiro e não suporta a luz. Compara-se à flor de mesmo nome, que se relaciona com efemeridade e o seu sentimento de urgência pelo o presente. Exala seu cheiro somente à noite, recolhendo o perfume com a luz do dia, além de ser venenosa:

Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo de seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. Cuidado comigo: eu sou a dama que mata, boy, (ABREU, 1988, p. 68).

Enfatiza o fato de não ter nada para fazer, mas ter muita grana, inclusive para pagar sexo. É só falar o preço! Como ela mesma questiona, e logo depois, afirma “‘Quanto custa? Me dê que eu pago. Pago bebida, comida, dormida. E pago foda também, se for preciso””, (ABREU, 1988, p. 67). Ainda, compra a atenção do homem (boy) a quem está se dirigindo o tempo todo, durante a narrativa, falando sobre solidão, morte, sexo e amor. Por ter pago a bebida, fala o que quiser, fazendo alusão ao direito à voz, proveniente das condições financeiras.

Enquanto esse boy encontra-se no plano da ordem, obtendo aprovação dos outros, por apresentar comportamento ditos como padrão, a Dama ‘está inserida no plano da desordem’”, se apresentando como “figura descolada e marginalizada”, como sugere Salcedo (2012), o que irá desligá-la do estereótipo dominador, tornando-a “off-centro”, por ser bastante decidida sobre o que é e o que deseja.

Com suas experiências e perspectivas, vê o mundo, fala de si e se expressa a sua maneira. Em sua comparação da vida como uma roda-gigante, acredita que desaprendeu a linguagem dos outros, por está por fora do movimento da vida, diferente de todo o resto do mundo:

A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar, (ABREU, 1988, p. 66).

Ela está quase chegando aos quarenta, não é casada, nem tem filhos. Vê-se na solidão por não rodar na roda, ou seja, se encaixar nos critérios estabelecidos para entrar e permanecer na roda da vida padrão. “Eu não sou igual a eles, eles sabem disso. Dama da noite, eles falam, eu sei”, (ABREU, 1988, p. 67). Porém, se acha menos fodida e acredita ser melhor do que todos que estão girando sem parar, a exemplo das “mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana para comprar um carro, os executivozinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas”, (ABREU, 1988, p. 70).

Estar fora da roda, não apenas a deixa sem a necessidade de precisar segurar qualquer coisa, ou seguir regras de encaixe ao padrão homogeneizador, como também a torna livre para agir e se expressar e viver da forma que lhe convém. Dessa maneira, reconhece a sorte que possui, por já ter vivido a ilusão de que tudo iria dar certo. Fazendo referência à música Roda-Viva de Chico Buarque (1967), “a ilusão da voz ativa, da resistência, de ir contra a corrente e mandar no próprio destino”:

Acho que sou melhor, sei porque peguei a coisa viva. Tá bom, desculpa, gatinho. Melhor, melhor não. Eu tive mais sorte, foi isso? Eu cheguei antes. E até me pergunto se não é sorte também está do lado de fora dessa roda besta que roda sem fim, sem mim. No fundo, tenho nojo dela, (ABREU, 1988, p. 67).

Dama da noite, “porra-louca”, “puta velha já curtida”, que “já deu para meia cidade”, e “ainda por cima adora veado”, (ABREU, 1988, p. 68), com sua linguagem, diálogos, movimentos e expressões, reage aos ambientes homogêneos, produzindo seu lugar-comum, como espaço de resistência, liberdade e partilha, para a formação e reconhecimento da alteridade em outras mulheres. Na libidinosa Diana, por exemplo, que reage aos ideais de pudor sexual feminino, ou na perversa Júlia Capovilla, com suas ex-centricidades que a liberta ao voo. Entendendo que, na literatura de multidão, os muitos compartilham seus problemas comuns, suas singularidades e subjetividades para que haja o reconhecimento dessas ex-centricidades.

Dama da noite conheceu o amor, não da forma romantizada, mas aquele amor que remete ao prazer da carne, à sede do corpo do outro, o desejo do toque, sem medo do vírus da

AIDS. Isso não apenas também a deixa fora da roda, como a distancia do centro, evidenciando sua posição nas margens. É esse gosto do prazer que faz com o que ela fique “fora da roda que roda e roda e que se foda rodando sem parar, porque o rodar dela é rodar de quem finge que não viu o que viu”, (ABREU, 1988, p. 68):

A Dama da Noite é a nota dissonante, a peça do quebra cabeça que não se encaixa. Ela não se encaixa à dinâmica da roda que gira sem cessar, não esquece o que viveu e não se amedronta com o discurso de pavor em volta do “Vírus que mata. Vírus do amor”, (SALCEDO, 2012, p. 10).

Não sabemos sobre sua aparência física, ou seu nome real, mas estamos envolvidos com seus sentimentos sobre o mundo sujo que vê:

Acompanhamos como se situam dentro de sua realidade cotidiana. E pouco importa se sua percepção está obstruída, se seu discurso é falho – tudo isso continua dizendo quem elas são. E diz tanto que acaba falando até do modo como nós a vemos, o que vai dar num acréscimo ainda que tortuoso, à sua existência, (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 95).

É uma personagem que afirma sua diferença em relação a outros personagens da trama, e junto com outras vozes diferenciadas, foge do controle, abrindo várias possibilidades para a literatura, assim como, para os estudos sócio-culturais. Como sugere Cocco (2007) “a própria multiplicidade dos sujeitos é o que proporciona essa variedade incontrolável, rompendo com o sentido de unidade totalizante, o que constitui as dinâmicas sociais, políticas e econômicas”.

Para reafirmação das diferenças, como potenciais da multidão, renovação das lutas sociais, rompimento da opressão e relação autêntica com o outro é necessária a análise das subjetividades e seus critérios de produção, já que, “a multidão reconhece o terreno da multiplicidade como um terreno produtivo, que integra sem mediações os processos de subjetivação (organização das lutas, radicalização democrática) e de mobilização produtiva”, (COCCO, 2007, p. 2).

Destarte, uma personagem mais recente da narrativa atual, irá produzir suas formas de resistências, juntamente com suas singularidades e subjetividades, que se confirmarão através da relação com as personagens/mulheres anteriores.

4.4 A ex-cêntrica Julia Capovilla, suas singularidades e subjetividades

Guattari (1992), em sua teoria sobre as subjetividades dos seres, afirma que alguns fatores desencadeiam a produção dessas características, a exemplo das palavras de ordem de democratização política, estilo de vida e todas as relações sociais. A própria cidade e todos os percursos feitos, assim como as relações com o outro e o mundo, juntamente com a alteridade, são responsáveis pela formação das particularidades:

1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte;
2. Elementos fabricados pela indústria, pelas mídias, pelo cinema, etc.
3. Dimensões semiológicas assignificantes, (GUATTARI, 1992, p. 12).

Nessas condições, a subjetividade se faz coletiva, considerando-se plural. Não somente pelo fato de que o que é próprio de um pode ser reafirmado em outro, mas, sobretudo, porque as relações pessoais, entre o centro e as fronteiras, ou simplesmente, entre os que fazem parte das margens, irão confrontar as expressões repetitivas ao longo dos anos, possibilitando a alteridade de personagens que apresentam formas de resistências que se atualizam, de acordo com os séculos, décadas e momentos históricos nos quais estão inseridas.

A finalidade é sair do período opressivo e renovar as lutas sociais, a partir do questionamento e da resistência, para uma relação autêntica entre os muitos, possibilitando a diversificação da subjetivação e a re-singularização dos sujeitos.

Essa atualização é perceptível nos comportamentos das personagens anteriores, que também irão se afirmar nos desvios ao padrão totalizante, de uma personagem mais recente, a ex-cêntrica Júlia Capovilla, protagonista do romance *Suíte Dama da Noite* de Manoela Sawitzky (2009).

O romance surge da vontade da autora em entender a espera amorosa, através da história de Júlia Capovilla, que quando era pequena e morava em Sertãozinho, se apaixona por Leonardo, e desde então, passa a amá-lo e esperá-lo para que seu amor possa se realizar. Vivendo na expectativa de reencontrar sua grande paixão, ao descobrir que Leon está noivo, releva em si a necessidade de brincar de amores clandestinos. O que, em seguida, desperta seu interesse de casar com Klaus (irmão da esposa de Leonardo), somente para poder concretizar suas fantasias com Leon e não sentir sozinha o peso da traição.

Não é a espera por Leon, o grande amor da vida de Júlia, que a torna singular e diferente de outras mulheres. O que a faz ser considerada ex-cêntrica são suas características quanto a sua própria personalidade e suas relações com as pessoas a sua volta.

Júlia só vê graça em viver romances de forma clandestina, e isso coloca em dúvida o sentimento que alega sentir por Leonardo. Estando envolvida com as particularidades de Júlia, Manoela Sawitzki traça toda a vida dessa personagem, num percurso que apresenta seu passado, na infância, para compreensão do presente, já na vida adulta. Por conseguinte, notaremos suas singularidades, que evidenciam suas concepções/potências subjetivas.

Desde a infância, a vida de Júlia era uma espécie de caos. Perdeu a mãe ainda quando era bebê, o pai havia tido vários derrames, a avó morreu louca, sua família era, como ela mesma afirma, “uma aberração”. Júlia era sensível, cheia de medos e dores, não (re)conhecia a si própria e falava sozinha para não enlouquecer. “Rastejava, mas com o nariz empinado”, (SAWITZKI, 2009, p. 147). Sua natureza é perigosa, apesar de simpática, seus ciclos imprecisos e contraditórios, o que irão formar suas singularidades.

Quando criança mentia para o sacerdote, o que era considerado um pecado de alma maldita, e se apaixonou e beijou um Cristo barroco de madeira na frente de todos dentro da igreja. Tais teimosias de Júlia eram consideradas manifestações diabólicas:

Porém, como a morte e a fila se demoravam, foi tomada de uma vontade louca que nem cogitou negar: abandonou o lugar que ocupava à espera da eucaristia, correu resoluta ao seu noivo e, equilibrando-se sobre as pontas dos pequenos dedos torturados, deu-lhe um beijo de novela... Júlia continuou beijando a boca de Jesus até que a arrancaram da capela aos beliscões, (SAWITZKI, 2009, p. 34).

Júlia era vista como uma pobre alma ociosa à espera da redenção. Ela não tinha um normal, ou seja, não apresentava comportamentos que a considerassem uma criança originalmente comum. “Isso não é normal. não é o meu normal. meu normal?! Como se houvesse um... diabos! Como se existisse algum”, (SAWITZKI, 2009, p. 159). Apreciava a solidão, porque assim se via livre, reafirmando a ideia de que as personagens que possuem posicionamentos de não pertencimento evidenciam sentimentos de solidão, visando à liberdade.

A vida de Júlia era uma mentira, ela mentia desde criança. Contava mentiras o tempo todo, para todos a sua volta e para si mesma, porque para que pudesse mentir para alguém, antes precisava acreditar na própria mentira. Via na mentira uma forma de “se libertar para o voo”, (SAWITZKI, 2009, p. 23), de enfrentar seus medos, suas dores, em uma vida que

também mentia para ela. Até o sorriso de Júlia era uma mentira. Sorria para não mostrar sua tristeza, sua dor. “Tinha sido uma criança desesperada, uma moça desesperada. E agora uma mulher em desespero”, (SAWITZKI, 2009, p. 41).

Toda essa trajetória de experiência e relações sociais, desde quando era criança, até o início da vida adulta, produz o conjunto de condições para formação das subjetividades, ou ex-centricidades, de Júlia. O que irá permitir o confronto à totalidade e o surgimento de expressões e comportamentos constituídos de pluralismo e diversidade.

Em alguns dias, quando se encontrava com Leonardo na Suíte Dama da Noite, se sentia como qualquer outra mulher, por ter “desejos de uma fêmea qualquer no cio”, (SAWITZKI, 2009, p. 18). Porém, o seu interesse da aventura, do perigo e do desejo, apenas desejo de Leon, coloca Júlia em uma posição que a afasta do centro, por se diferir de mulheres que, por exemplo, desejam casar. Principalmente, depois de amar, há 15 anos, a mesma pessoa.

Júlia é considerada diferente pelas pessoas, porque age como nenhuma outra pessoa age. “Doida não, eles dizem excêntrica. E você sabe muito bem o que querem dizer com isso”, (SAWITZKI, 2009, p. 53). Comporta-se como nenhuma outra pessoa se comporta. Inclusive, no dia do velório de Leonardo (personagem que Júlia acreditava ser o grande amor da sua vida), nem olhou para o caixão:

Deu alguns passos e cumprimentou as famílias, mas sem, em momento algum, olhar para o corpo no caixão. Em seguida, deu-lhes as costas e prostrou-se num nicho afastado da sala (óculos escuros às oito da noite, de lilás, estranha a tudo, a si mesma, sobretudo a si), (SAWITZKI, 2009, p. 37).

Essa foi uma das provas de que Júlia não amava Leon, verdadeiramente, apesar de está sofrendo com sua partida. Na verdade, via-se aliviada, por não precisar mais viver presa a algo que a privava da liberdade. As perdas aliviam a alma de Júlia, por prevenir que sua vida viesse, em algum momento, destruir-se. Como outro exemplo disso, temos o seu alívio ao perder o filho, aquilo que desejara ter, para se sentir amada, como nunca foi, por Klaus, seu marido, e até mesmo por Leonardo, seu amante e amor de infância.

Esse desejo levou Júlia a investir em bares e boates onde não faltavam homens que emprestariam o líquido que gerasse um filho. “Fecundada por matérias inomináveis, carnes incógnitas, fez-se toda generosidade e desapego. A menina sacerdotisa germinava, brotava agora sem ater-se a nenhum limite ou vínculo”, (SAWITZKI, 2009, p. 207). Os vários corpos

que a fecundou teriam o propósito de não permitir que seu filho viesse a ter um rosto que pudesse ser reconhecido ou lembrado.

Ao engravidar e ter uma gravidez tubária, provocando o rompimento da trompa esquerda e uma hemorragia muito grave, Júlia poderia ter morrido, se não estivesse num hospital, no momento do acontecimento:

Poderia ter morrido, disse o médico [...] E o que sentiu foi um alívio, como se lhe jogassem água fresca depois de uma tarde quente de praia, livrando a pele da ardência do sal e da aspereza da areia. Alívio e uma vontade repentina de comemorar. Comemorar ter sobrevivido ao derrame da vida, (SAWITZKI, 2009, p. 219).

As perdas também desenvolvem a potência de Júlia. “Cada perda sentida como se lhe arrancassem pedaços. Mas o animal ferido quer lutar até o fim, quer converter seu terror em potência”, (SAWITZKI, 2009, p. 219). É a partir desses acontecimentos, juntamente com o conflito dos fatos, que “o indivíduo reflete sobre sua existência e expressa sua subjetividade”, (SALCEDO, 2012, p. 1).

Júlia sempre quis ser livre, “aos quinze anos já era uma planta sem raiz e a permanência a inquietava. À medida que crescia, bastava-lhe menos os velhos artificios para se sentir livre aventureira”, (SAWITZKI, 2009, p. 219). Após a morte de Leonardo, decidiu se separar de Klaus para aprender a ser sozinha e se virar. A perda do filho também fez com o que ela se sentisse pronta para começar a experimentar a vida sem pressa, e também, viver em profundidade, como nunca desejara viver. Sobretudo, com liberdade. E é esse desejo por liberdade que faz com o que as subjetividades de Júlia a tornem uma pessoa ex-cêntrica.

Júlia Capovilla, assim como Diana e Dama da Noite, reage aos ideais homogeneizadores impostos pela sociedade com suas ex-centricidades e potenciais libertários, compreendendo que as subjetividades e os problemas comuns dessas três mulheres são as forças reativas à continuidade hierárquica.

A identificação e valorização das singularidades dessas personagens, não somente produz formas de resistências, como também evidencia que a cooperação dessas características é o que constitui a alteridade. Destarte, “a comunidade é entendida como um débito, no sentido de que devo a um outro o reconhecimento de minha própria subjetividade, já que é esse outro que exterioriza minha subjetividade e interrompe minha cláusula”, (ESPOSITO, 2003, *apud* JUSTINO, 2014, p. 133).

Tanto Diana, quanto Dama da Noite e Júlia reafirmam os encontros com a desigualdade de gênero, com o preconceito, a exclusão, o sentimento de não pertencimento e, sobretudo, com a solidão, que logo se manifestarão em resistência, luta e liberdade. Isso constata a importância do reconhecimento das ex-centricidades em cada uma dessas personagens, de forma cooperativa, para a comprovação da alteridade e evidência das potências dessas mulheres, assim como, da potência da literatura e de sua multidão.

Considerações finais

Na narrativa atual há uma intrínseca relação entre literatura, sociedade e cultura, afirmando que essa expressão literária e sociocultural apresenta as formas discursivas e representacionais das vidas cotidianas, associadas às realidades contemporâneas. Compreende-se, então, que a literatura é um espaço de manifestação política e social, que objetiva sempre a democratização e a igualdade em todos os âmbitos, demandando resistências e lutas por oportunidades.

A literatura contemporânea, com sua multiplicidade e heterogeneidade, é o meio pelo qual a literatura de multidão representa a sua potência, através de movimentos que possuem posturas interrogativas e contestantes ao padrão universal, já que essa força é o próprio encontro com a diferença e a alteridade, de forma cooperativa. Com isso, há a eclosão das vozes das minorias e/ou dos grupos que possuem comportamentos revolucionários. Dessa forma, as personagens analisadas reagem às regras, ao padrão e à homogeneização do gosto, com seus pensamentos e expressões, corporais e sentimentais, diferentes.

Enquanto Diana inicia a luta pela igualdade, com seus movimentos de fêmea que também deseja e não reproduz o ideal da repressão feminina pelo sexo, ligada ao pudor sexual, Dama da Noite é a resistência, a atualização que reage ao movimento contínuo, totalizante e homogeneizador da vida. Já Júlia Capovilla é a liberdade, cheia de ex-centricidades que levarão ao reconhecimento da força e do potencial que habita em si mesma, sem a necessidade de ser amada por outro ser para sentir a profundidade da vida.

Dama da Noite, por está no meio desse processo atualizante, equilibra a alteridade para a progressão libertária. Não tratando-se de singularidades comparativas, mas sim, em cooperação, porque o que é próprio de uma também existe na outra, destacando a necessidade umas das outras para tonar evidente as suas expressões libertárias.

A oralização das personagens, nos contos “Hell’s Angels” e “Dama da Noite”, e o no romance “*Suíte Dama da Noite*”, é o que exterioriza as ex-centricidades dos escritores contemporâneos e de mulheres ex-cêntricas, por exemplo. A partir da valorização da diferença, do desafio à noção de centro e das escritas sobre as margens, juntamente com a exposição de suas subjetividades, sentimentos de não pertencimento e condutas desviantes. Isso é o que dá visibilidade às potências dos discursos e comportamentos não homogêneos femininos, libertando mulheres do padrão globalizante.

Assim, a literatura de multidão, com suas estratégias de rompimento com ordem e com o poder, é um caminho para operação das lutas socioculturais e literárias. Cabendo aos críticos da literatura, apresentar, cada vez mais, novos métodos para apreensão e reflexão das configurações literárias atuais, libertando os leitores da leitura textualista, descartando o foco apenas no literário. Os desafios são múltiplos, mas as lutas por legitimidade, poder de voz, igualdade, valorização das diferenças e liberdade continuarão, tanto com os novos escritores, quanto com suas personagens, cada vez mais representantes dos seres e suas vidas contemporâneas.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Dama da noite**. In: Os dragões não conhecem o paraíso. São paulo: Companhia das letras, 1988, p. 66-71.

COCCO, Giuseppe. **Giuseppe Cocco fala sobre o conceito de multidão e os movimentos sociais**. Rev. Eletrônica Portas, vol. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.acicate.com.br/portas/giuseppe.pdf>. Acesso em 27/02/2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012, p. 17-107.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado**: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. In BESSE, Maria Graciete; TONUS, José Leonardo; DALCASTAGNÈ, Regina, 2012, p. 13-18. Disponível em <http://www.red-redial.net/pt/referencia-bibliografica-63778.html>. Acesso em 27/02/2019.

DIAS, Ângela Maria. **As cenas da crueldade**: ficção e experiência urbana. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 26. Brasília, 2005, p. 87-96. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846071.pdf>. Acesso em 27/02/2019.

FAGUNDES, Raimone. **Um roteiro de viagem para Hell’s Angels**: A trip’s route for hell’s angels. Língua, lingüística e literatura, vol. 3, n. 1, Editora UFPB, 2005, p. 181-192. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/download/7484/4550>. Acesso em 02/05/2019.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991, p. 84-103.

JUSTINO, Luciano. **A potência oralizante da multidão**: porque os estudos culturais ajudam a compreender a experiência dos muitos na literatura contemporânea. Revista Graphos, UFPB/PPGL, vol. 14, n 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/13659/8079>. Acesso em 05/11/2015.

JUSTINO, Luciano. **Literatura e intermedialidade**: ensaios sobre ler e escrever o presente, Campina Grande, EDUEPB, 2014, p. 131-154.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Revista de Crítica Literaria y de cultura, n.17, 2007. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>. Acesso em 05/11/2015.

MORICONI, Ítalo (org). **Hell's Angels**. In: Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 393-399.

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica da multidão**. In: DIAS, Bruno Peixe; NEVES, José (Org). *A política dos muitos*: povo, classes e multidão. Lisboa: Tinta da China, 2010, p. 407-418.

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica da multidão**. Revista Lugar Comum n. 19–20, 2015, p. 15-26. Disponível em http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%20ontol%C3%83%C2%B3gica%20da%20multid%C3%83%C2%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf. Acesso em 27/02/2019.

RESENDE, Beatriz. **A literatura brasileira na era da multiplicidade**. In: **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da palavra: Biblioteca Nacional, 2008, p. 15-40.

SALCEDO, Ágatha. **Dama da Noite**: O discurso do diferente, na obra de Caio Fernando Abreu. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, p. 1-10. Disponível em: http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/338/223_ Acesso em 20/02/2017.

SAWITZKI, Manoela. **Suíte Dama da Noite**. Editora Record Ltda, Rio de Janeiro, 2009.